

**SAIBAM QUANTOS ESTE PUBLICO INSTRUMENTO VIREM:  
UM ESTUDO DE REALIZAÇÕES GRÁFICAS EM  
MANUSCRITOS OITOCENTISTAS CATALANOS**

**KNOWN HOW MANY THIS PUBLIC INSTRUMENT SEEN:  
A STUDY OF GRAPHIC REALIZATIONS IN 19<sup>th</sup> CENTURY  
MANUSCRIPTS FROM CATALÃO**

Carolina Faleiros FELÍCIO<sup>1</sup>

Vanessa Regina Duarte XAVIER<sup>2</sup>

**RESUMO:** Vinculado a perspectivas filológicas e ortográficas, este estudo teve como foco descrever e analisar, quantitativa e qualitativamente, realizações gráficas goianas do século XIX, especificamente da cidade de Catalão-GO, para delas inferir possíveis práticas de escritas em três espécies documentais: autos de partilhas, escrituras e traslados. Primeiramente, fez-se necessário a coleta nos manuscritos dos vocábulos com o uso do **h** diacrítico, etimológico e marcador de hiato, de consoantes geminadas e duplas. Posteriormente, realizou-se a consulta nos dicionários etimológicos de Cunha (1986) e Machado (1977), para verificar se tais usos gráficos relacionavam-se ou não às palavras das quais se originaram. Por fim, descreveram-se os fenômenos em estudo, a partir da periodização da ortografia da Língua Portuguesa feita por Coutinho (1986), e com base nas considerações de Gonçalves (1992; 2003) e Fachin (2011). Essa pesquisa possibilitou levantar hipóteses sobre hábitos gráficos da época e localidade em questão. Observou-se que o uso das consoantes geminadas foi o mais expressivo no *corpus*, seguido das consoantes duplas e do uso do **h**. Verificou-se também que grande parte dos vocábulos apresenta grafias que condizem com as suas etimologias, configurando uma escrita etimológica. Espera-se contribuir com os estudos históricos da Língua Portuguesa, principalmente os voltados para os aspectos gráficos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Manuscritos catalanos. Realizações gráficas. Hábitos de escrita.

**ABSTRACT:** Linked to philological and orthographic perspectives, this study focused on describing and analyzing, quantitatively and qualitatively, nineteenth-century graphic realizations, specifically from the city of Catalão-GO, aiming to infer possible writing practices in three documentary species: record of succession, deeds and certified copies. First, it was necessary to collect in the manuscripts the words with graphic variations, namely, in the use of **h**, diacritical, etymological and hiatus marker, geminate and double consonants. Afterwards, we consulted the etymological dictionaries by Cunha (1986) and Machado (1977) to verify if graphic uses of the words are related or not to their origins. Finally, we describe the graphical variations in study, based on the periodization of Portuguese Language

---

1. Graduanda do curso de Licenciatura em Letras – Português da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística (UAELL); Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (UFG/RC), Catalão, Goiás, Brasil. E-mail: cffelicio4@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8284-4191>.

2. Doutora em Filologia e Língua Portuguesa; Professora no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (UFG/RC), Catalão-GO, Brasil. E-mail: vrdxavier@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6718-2361>.

orthography by Coutinho (1986), and based on the considerations by Gonçalves (1992; 2003) and Fachin (2011). This research made it possible to raise hypotheses about the graphic habits of the time and place under discussion. It was observed that the use of geminate consonants was the most expressive in the *corpus*, followed by double consonants and the use of *h*. It was also found that most of the words have spellings that match their etymologies, configuring an etymological writing. It is expected to contribute to the historical studies of the Portuguese Language, especially those related to the graphic aspects.

**KEYWORDS:** Manuscripts from Catalão. Graphic realizations. Writing habits.

## Introdução

A Filologia tem como função substantiva a restituição de textos escritos à sua forma genuína, segundo Spina (1977), por meio de critérios rigorosos, ao proceder ao resgate da produção textual de determinada época. Com base nesta premissa, realizam-se transcrições fidedignas deste material, possibilitando estudos de aspectos sociais, históricos, linguísticos, dentre outros, presentes em diversas fontes manuscritas de épocas variadas (XIMENES, 2012). De modo particular, as edições conservadoras possibilitam a análise de realizações gráficas de certa época e, assim, o levantamento de hipóteses sobre hábitos de escrita de determinado período. Assim, o foco deste trabalho é descrever práticas de escrita goianas do século XIX, a partir da delimitação dos tipos de ocorrências gráficas a serem observadas e considerando-se uma diversidade de espécies documentais.

Têm-se como objetivos específicos: i) verificar se as realizações gráficas em foco neste estudo, a saber, o uso do **h** etimológico, diacrítico e marcador de hiato, de consoantes geminadas e de consoantes duplas, estão relacionadas à etimologia, a partir da coleta no *corpus* dos vocábulos que apresentaram tais ocorrências e da consulta acerca da sua origem nos dicionários etimológicos de Machado (1977) e Cunha (1986); ii) fazer considerações sobre hábitos de escrita da cidade na época em questão; iii) descrever e analisar as realizações gráficas consonantais em estudo, considerando-se a periodização da ortografia da Língua Portuguesa feita por Coutinho (1976).

O interesse pela temática deste estudo deve-se a duas pesquisas desenvolvidas anteriormente pela autora deste trabalho, sob a forma de Iniciação Científica, com temáticas similares, vinculadas ao projeto “Vestígios da história da língua portuguesa em Goiás: edição e estudo de manuscritos cartoriais do século XVIII ao XX”, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Regina Duarte Xavier. As pesquisas anteriores trataram de manuscritos de cidades de Goiás, considerando-se variações vocálicas e consonantais. Agora, neste novo estudo, optou-se por trabalhar com diferentes espécies documentais da cidade de Catalão-GO, que permitem caracterizar, ainda que parcialmente, a escrita do século XIX nesta localidade. Além disso, a pesquisa de Fachin (2011) sobre prá-

ticas de escritas em manuscritos setecentistas concernentes à administração do Brasil nos instigou a realizar um estudo similar em documentos catalanos.

O *corpus* é composto por edições de manuscritos notariais oitocentistas redigidos em Catalão, sendo dois (2) autos de partilha (1868 e 1878), cujas edições encontram-se em Pires (2015), vinte (20) escrituras de compra e venda de escravos (1861-1876), disponíveis em Cardoso (2008) e dezesseis (16) traslados de escritos particulares e quatro (4) escrituras de doação de escravos (1861-1876), que se encontram em Almeida (2017).

Considerando que ainda não há estudos sobre as práticas de escrita do século XIX, com enfoque em documentos notariais de Catalão-GO, pretende-se contribuir com os estudos históricos da língua portuguesa, especialmente os de caráter gráfico, sobre a região em questão.

### 1. Sobre os manuscritos catalanos em estudo: breve caracterização

Antes de caracterizar os manuscritos que compõem o *corpus*, considera-se importante fazer uma breve contextualização histórica da cidade em que os documentos foram redigidos. Catalão surgiu em meados de 1722, com a passagem da bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, pelo Rio Paranaíba, com destino ao interior de Goiás. Alguns integrantes dessa bandeira decidiram morar na região para “servirem de apoio e referência aos exploradores que por ali passassem durante o trajeto de São Paulo a Goiás” (DE PAULA; ALMEIDA, 2016, p. 161). Para fazer com que a região fosse valorizada, fazendeiros decidiram doar parte de suas terras para a construção de uma capela em louvar a Nossa Senhora Mãe de Deus. A capela passou a atrair pessoas de várias localidades, que começaram a instalar, nas suas proximidades, vendas e armazéns, formando, assim, um povoado (GOMEZ, 1994 *apud* DE PAULA; ALMEIDA, 2016).

Rapidamente, Catalão alçou à categoria de Arraial, em vista do crescimento populacional e econômico, passando “a ser julgado da comarca de Santa Cruz” (PIRES, 2015, p. 25). O arraial desenvolveu-se rapidamente, reflexo do clima e das terras férteis, favoráveis ao progresso da região (AZZI, 1937 *apud* DE PAULA; ALMEIDA, 2016). Esses fatores fizeram com que, em 1834, Catalão passasse à categoria de Vila. De acordo com as autoras, nos anos posteriores, Catalão passou por um “processo jurídico-institucional”, uma organização político-territorial e um crescimento populacional considerável, que fez com que, em 20 de agosto de 1859, a Vila se tornasse cidade.

As espécies documentais utilizadas neste estudo foram redigidas na época em que Catalão já se configurava como cidade, como é possível observar nos seguintes enunciados extraídos do *corpus*: “Juízo de orphaões da Cidade do Catalão” (PIRES, 2015, p. 121) e “aos vinte e oito dias do mez, de Abril do dito anno, nesta Cidade do Catalão” (ALMEIDA, 2017, p. 216).

Outra informação importante acerca do contexto histórico que permeia a escrita dos documentos é que a escravidão ainda vigorava no estado de Goiás e, conseqüentemente, na cidade de Catalão. A vigência do sistema escravocrata se comprova nos manuscritos utilizados neste estudo, visto que todos eles apresentam vestígios das relações entre escravos e os senhores, em que os escravos configuram-se como objetos, que podiam ser vendidos, trocados e distribuídos como herança.

Com relação ao *corpus* da pesquisa, optou-se por trabalhar com documentos de Catalão, por ser esta a cidade que sedia esta pesquisa, que já se encontravam editados por integrantes do Lalefil<sup>3</sup>, uma vez que utilizaram os mesmos critérios para realizar as edições semidiplomáticas dos manuscritos<sup>4</sup>. Outro fator preponderante para a escolha de manuscritos já editados foi o tempo para realização da pesquisa, a saber, de quatro meses, não sendo viável a seleção e transcrição de novos manuscritos. Foram selecionados os manuscritos redigidos durante os anos de 1860 a 1880, porque este recorte cronológico insere-se no período pseudoetimológico da Língua Portuguesa, que será melhor detalhado mais adiante.

A diversidade de espécies documentais elencada para esta investigação é relevante porque espera-se que reflitam melhor os hábitos de escrita da época, além de tratar-se de documentos editados e do período focalizado neste trabalho. Para melhor compreensão da natureza das espécies documentais, fez-se, abaixo, uma breve exposição das finalidades de cada uma:

**Quadro 1:** Breve descrição das espécies documentais que compõem o *corpus*

1. Autos de Partilha	Documento com a função de “dispor em rol o patrimônio deixado em herança por um defunto e a realização da partilha entre os seus herdeiros de direito” (PIRES, 2015, p. 28).
2. Escritura	“documento diplomático, testemunhal de assentamento, notarial. Registro autêntico de um contrato ou de uma transação feito por um oficial notarial” (BELLOTTO, 2002, p. 67).
3. Traslado	“documento diplomático testemunhal comprobatório, notarial. Cópia ou reprodução de documentos autênticos originais, assentados em livros próprios, na área notarial.” (BELLOTTO, 2002, p. 89).

Fonte: Bellotto (2002) e Pires (2015).

3. Laboratório de Estudos do Léxico, Filologia e Sociolinguística, da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão, ao qual esta pesquisa se vincula.

4. As edições foram realizadas conforme as *Normas para transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português no Brasil*, disponíveis em Megale e Toledo Neto (2005), diferindo-se entre si apenas pelo formato, de justalinear para justificado.

Salienta-se, ainda, que os autos de partilha descrevem todos os bens, que vão desde móveis aos escravos<sup>5</sup>, e contam como componentes principais: testamentos, que descrevem e avaliam os bens; inventários, com a descrição de todos os bens; e a partilha, na qual os bens são distribuídos para os seus sucessores de direito (PIRES, 2015, p. 29). Já as escrituras públicas selecionadas apresentam subtipos, quais sejam, de compra e venda de escravos, de liberdade e de troca e doações de escravos, sendo que, em todos os casos, possuem uma estrutura semelhante e são assinadas por testemunhas. Por fim, os traslados possuem estrutura bastante similar à da escritura e, conforme Almeida (2017, p. 40), eram redigidos pelo próprio senhor de escravos ou alguém de sua confiança e, em seguida, levados ao cartório para “adquirirem legitimidade jurídica”.

De modo geral, todos os manuscritos selecionados para realizar esta pesquisa são documentos diplomáticos, “de natureza jurídica, que refletem no ato escrito as relações políticas, legais, sociais e administrativas entre o Estado e os cidadãos” (BELLOTTO, 2002, p. 35). Como se vê, os documentos comportam registros importantes da cidade de Catalão no século XIX, demonstrando diversos contornos sociais, históricos, políticos e culturais desta localidade.

## 2. Percursos teórico-metodológicos

Feita a seleção dos documentos que constituiriam o *corpus*, iniciou-se a coleta<sup>6</sup> dos vocábulos que apresentassem: i) o uso do **h**, nos casos mencionados anteriormente, como em *Orphaõs*; ii) consoantes geminadas, que são as consoantes que aparecem dobradas, como podemos observar em *fallecimento*; e iii) consoantes duplas, consoantes diferentes que aparecem juntas, como em *assignadas*. A escolha por essas realizações gráficas deve-se à sua recorrência no período pseudoetimológico, que buscou resgatar as origens etimológicas das palavras (COUTINHO, 1976). Conforme observado em estudo anterior (FELÍCIO; XAVIER, 2019), ao analisar a escrita em cartas administrativas e autos de partilha goianos dos séculos XVIII e XIX, estas realizações gráficas consonantais eram mais recorrentes.

Para sistematização dos dados, concomitantemente à coleta, organizou-se um índice de frequência e ocorrências para cada espécie documental, distribuindo-se cada vocábulo na categoria relativa ao tipo de realização gráfica observado, sendo que cada entrada apresentou o vocábulo, a quantidade total de vezes que ele apareceu naquele documento e a localização de cada ocorrência no *corpus*, feita através do número do

---

5. Como se vê, os escravos eram considerados bens e podiam ser deixados em herança para os sucessores de direito.

6. Importa ressaltar que não foram utilizados programas computacionais específicos para tal, tendo sido a coleta feita manualmente, uma vez que as edições utilizadas preservam a escrita da época, como as palavras escritas juntas.

fólio e da indicação do seu *verso* (v.) e *recto* (r.). Como exemplo, tomemos o seguinte vocábulo, encontrado no auto de partilha de 1868, referente ao uso de consoantes duplas: *districto* (4) (01r., 02r., 04r., 18r.). O procedimento foi feito com todos os vocábulos, para auxiliar na análise quantitativa dos dados.

Posteriormente, verificou-se, nos dicionários de Cunha (1986) e Machado (1977), a etimologia dos vocábulos encontrados nos manuscritos. Esta etapa foi de grande importância, uma vez que permitiu averiguar se as grafias observadas correspondiam às suas respectivas formas etimológicas, possibilitando, em seguida, contabilizar os usos que se justificaram pela etimologia ou por formas pseudoetimológicas. Feita esta contabilização, realizou-se o cotejo entre os vocábulos obtidos nas diversas espécies documentais que compõem o *corpus*, observando-se o número de ocorrências de cada categoria e a similaridade e/ou diversidade entre elas.

A análise das ocorrências em estudo e a descrição de práticas de escrita foi feita à luz de autores como Williams (1975), Coutinho (1976), Gonçalves (1992; 2003), Assalim (2007) e Fachin (2011), que versam sobre aspectos gráficos e históricos da Língua Portuguesa. A esse respeito, faz-se necessário realizar alguns apontamentos sobre o que dizem os teóricos sobre a temática em estudo.

Conforme Coutinho (1976), a ortografia portuguesa pode ser dividida em três períodos: **fonético**, incluindo-se os primeiros documentos redigidos em português até o século XVI; **pseudoetimológico**, do século XVI até 1904; e **simplificado**, iniciando em 1904 e estendendo-se aos dias atuais. Gonçalves (1992, p. 13) destaca que em um “ponto parecem coincidir todos os estudiosos das questões ortográficas: o da sua periodização”, ou seja, há um consenso com relação a esses períodos.

Os manuscritos do *corpus* foram redigidos no século XIX, inserindo-se no período pseudoetimológico da ortografia da Língua Portuguesa, sendo esse um dos critérios para a seleção do *corpus*. Importa ressaltar que, apesar da datação precisa feita por Coutinho (1986), é provável que as características de mais de um período coexistissem durante um período de transição, considerando-se que as mudanças linguísticas não se dão de maneira abrupta, mas sim lenta e continuamente. Isso é constatado por Gonçalves (2003) que, ao analisar várias obras ortográficas do século XVIII ao XX, evidencia, por exemplo, que em algumas delas predominavam aspectos do período fonético e em outras do etimológico. Em suas palavras, “se em João de Barros surpreendemos a tendência fonética ou socializante, já em Duarte Nunes de Leão se acentua a tendência etimológica ou de recondução da grafia à matriz, e em João Franco Barreto, por sua vez, voltamos a encontrar, predominantemente, a tendência fonética” (GONÇALVES, 1992, p. 98-99).

No período fonético, “o objetivo a que visavam os escritores ou copistas da época era facilitar a leitura, dando ao leitor uma impressão, tanto quanto possível exata, da lín-

gua falada” (COUTINHO, 1976, p. 72). Isso mostra que não havia uma uniformização da escrita, o que possibilitava a ocorrência de várias grafias para um mesmo vocábulo.

De acordo com Coutinho (1976, p. 75), no pseudoetimológico, o critério era “respeitar, tanto quanto possível, as letras originárias”, ou seja, escrever conforme a etimologia das palavras, buscando resgatar as suas origens. Houve, nesse período, o intuito de representar as formas originárias, em especial as latinas e gregas, na grafia portuguesa, sendo este um “momento em que a escrita se vai aproximar mais da matriz latina” (GONÇALVES, 1992, p. 12). Nesta época, começaram a ser publicadas várias obras com o intuito de divulgar as “boas” maneiras de se escrever, tendo em vista que “Conhecer a ortografia da língua portuguesa tornou-se sinónimo [...] de uma certa dose de erudição, que passava pelo domínio do latim, ou mesmo do grego, e pelo conhecimento do uso dos bons autores”, segundo a autora (1992, p. 12). Apesar da tentativa de se escrever conforme “as letras originárias”, muitas vezes o desconhecimento das formas etimológicas levava a uma escrita sem vínculo necessário com a etimologia, por isso a denominação de período pseudoetimológico.

O período simplificado iniciou-se em 1904, com a publicação da obra de Gonçalves Viana, *Ortografia Nacional*, e se estende até os dias atuais (COUTINHO, 1976). Esse período é caracterizado pela necessidade de uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa, resultante da tentativa de unificar, simplificar e uniformizar a escrita. No século XX, houve diversas discussões para a proposição de acordos para se chegar a uma uniformização.

Com relação à descrição das práticas de escrita, adotou-se o conceito proposto por Fachin (2011) de que elas se referem à produção gráfica de determinada época, que evidencia características e particularidades do modo de escrever de escribas que, em decorrência do cargo profissional (tabelião, escrivão etc.), ocupavam-se diariamente com a escrita. Além disso, Fachin (2011, p. 16), analisando a escrita de manuscritos setecentistas, concluiu que, apesar da falta de um acordo ortográfico, existiam “práticas de escrita em vias de consolidar-se”. Sendo assim, havia na época uma espécie de convenção que regia tais práticas e acredita-se que o mesmo será observado na análise dos manuscritos catalanos.

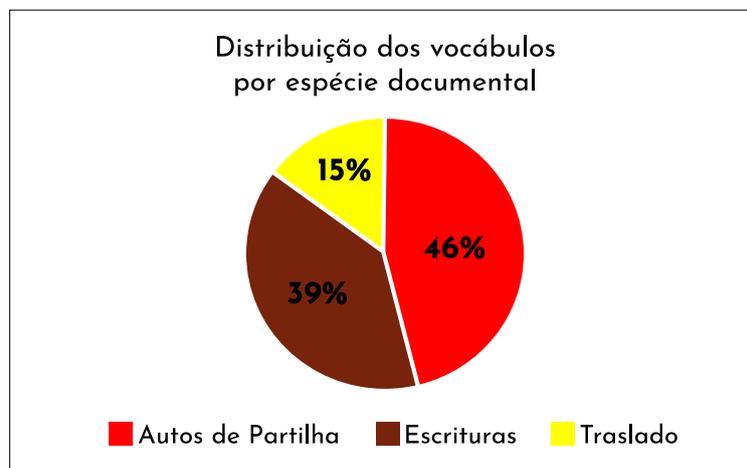
Partindo desse conceito, serão caracterizadas práticas de escrita em manuscritos catalanos oitocentistas, redigidos por escrivães e tabeliães, portanto, pessoas que lidavam com a escrita no seu dia a dia. Isso permite levantar hipóteses sobre a grafia em diferentes espécies documentais, apontando regularidades e hábitos de escrita com relação ao uso das consoantes citadas anteriormente.

### 3. “Bem e fielmente o transcrevi e dou fé”: descrição de práticas de escrita oitocentistas catalanas

#### 3.1. Dos vocábulos coletados e sua origem etimológica

Ao todo, foram encontrados no *corpus* quatrocentos e vinte (420) vocábulos com as ocorrências gráficas em estudo, a saber, o uso do **h** (nos contextos já referidos), de consoantes geminadas e duplas. O gráfico abaixo apresenta a distribuição dos vocábulos nas espécies documentais estudadas, sendo elas: autos de partilha, escrituras e traslados.

**Gráfico 1:** Porcentagem de vocábulos com uso do **h**, de consoantes geminadas e duplas em manuscritos catalanos oitocentistas



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Observa-se que nos autos de partilha houve o maior número de vocábulos com as realizações gráficas em estudo, contando com cento e noventa e quatro (194) vocábulos. Já as escrituras aparecem em segundo lugar, com um total de cento e cinquenta e sete (157) vocábulos, e, por último, os traslados, que contaram com sessenta e nove (69) vocábulos. Convém ressaltar que a maior quantidade de vocábulos encontrados nos autos de partilhas pode não estar relacionada diretamente com os hábitos gráficos, tendo em vista a maior extensão desse documento em relação aos demais que constituem o *corpus*, ocasionando em maior número de vocábulos. Os autos de partilha contam com setenta e quatro (74) fólios, sendo que destes, dezenove (19) estão em branco no seu *verso* e quatro (4) no seu *recto*. Já as escrituras e os traslados contêm, respectivamente, vinte e seis (26) e vinte e três (23) fólios, todos escritos no *verso* e no *recto*.

A tabela a seguir apresenta a quantidade total de vocábulos de cada uma das categorias observadas, em cada espécie documental.

**Tabela 1:** Total de vocábulos distribuídos nas categorias em estudo por espécie documental

<b>Espécie Documental</b>	<b>Uso do h</b>	<b>Consoantes Geminadas</b>	<b>Consoantes Duplas</b>
Auto de Partilha	15	114	65
Escrituras	14	78	65
Traslado	13	28	28
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>220</b>	<b>158</b>

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Percebe-se que houve maior uso de consoantes geminadas no *corpus*, com uma ocorrência de 52% ou de duzentos e vinte (220) casos. Constata-se que os autos de partilha obtiveram maior quantidade de vocábulos com este fenômeno, o que pode ser justificado em parte por sua extensão e pela estrutura e conteúdo dessa espécie documental, que permite uma maior variedade lexical. Além disso, as consoantes geminadas são mais suscetíveis à alternância, uma vez que há uma significativa diversidade de consoantes que surgem geminadas. As escrituras e os traslados obtiveram um número inferior de ocorrências desse fenômeno. Como estas espécies documentais possuem estruturas semelhantes, a menor quantidade justifica-se pela sua própria estrutura composicional, que é muito formulaica e, por isso, a seleção vocabular não sofre grandes variações, fazendo com que muitos vocábulos repitam-se.

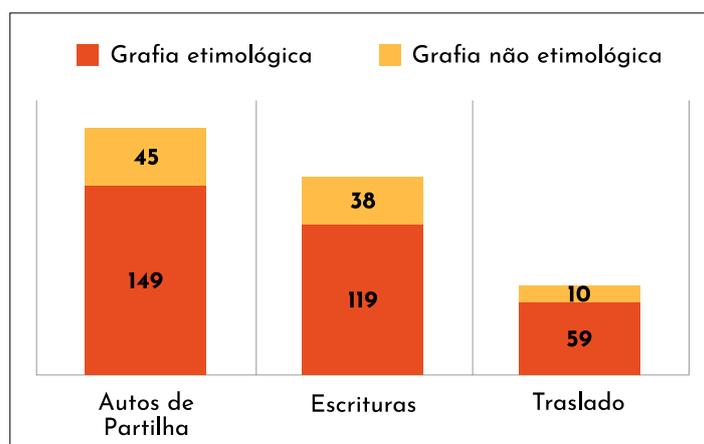
As consoantes duplas totalizaram 38% ou um total de cento e cinquenta e oito (158) casos das realizações gráficas obtidas no *corpus*, sendo que coincidentemente os autos de partilha e as escrituras apresentaram a mesma quantidade de vocábulos, enquanto que os traslados mostraram números menores. Acredita-se que o uso de consoantes duplas seja mais restrito que das geminadas, pois não são quaisquer consoantes que aparecem juntas, mas apenas os seguintes grupos **ct**, **pt**, **pc**, **gn**, **çç**, **mn** e **gd**, o que justifica a menor quantidade de vocábulos com tais usos, conforme explicitaremos mais adiante.

Vale salientar que o uso de consoantes geminadas e duplas foi mais expressivo no *corpus*, em contraste com o uso do **h**, o que deve-se, principalmente, ao período em que os manuscritos foram redigidos, o pseudoetimológico, no qual houve “Uma profusão de consoantes dobradas e de grupos consonantais, [...] muitos resultantes da pretensão daqueles que se julgavam conhecedores de latim e de grego” (ASSALIM, 2007, p. 16), resultante da tentativa de se escrever conforme a etimologia das palavras.

O uso do “h” ocorreu em 10% ou quarenta e duas (42) ocorrências do total de vocábulos analisados e com quantidades bem próximas nas diferentes espécies documentais. Isso se explica pelo uso limitado do **h** no interior das palavras e porque, no geral, os escribas do *corpus* utilizam esse grafema em vocábulos iguais e/ou semelhantes, como em **Christo**, **ahi** e **he**, que constam em todos os manuscritos analisados.

Com relação à origem etimológica, o gráfico a seguir apresenta o número total de vocábulos de cada uma das três espécies documentais que têm sua origem justificada pela etimologia, bem como o total daqueles que não o tem, conforme consulta realizada nos dicionários de Machado (1977) e Cunha (1986). Importa ressaltar que todos os vocábulos coletados no *corpus* tiveram sua etimologia consultada nos dois dicionários e que não houve divergências de um dicionário para o outro, com relação à ausência de um vocábulo ou de sua origem etimológica.

**Gráfico 2:** Vocábulos com grafias etimológicas e não etimológicas por espécie documental



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nos autos de partilha, do total de vocábulos coletados, cento e quarenta e nove (149), equivalente à 77%<sup>7</sup>, possuem grafias etimológicas. Nas escrituras, o total foi de cento e dezenove (119) vocábulos e nos traslados cinquenta e nove (59), que correspondem, respectivamente, a 73% e 85%. Em todo o *corpus*, 78% dos vocábulos demonstraram grafias etimológicas, como é possível observar em *Christo*, *defuncto* e *fallecidos*, pertencentes ao auto de partilha, que derivaram das palavras latinas, *Christiānus*, *defunctos* e *falleścërre*<sup>8</sup>, evidenciando a reprodução de traços antigos na escrita, conforme a caracterização do período denominado de pseudoetimológico.

Antes de se iniciar a verificação dos vocábulos nos dicionários etimológicos, a suposição era de que os escribas dos manuscritos em estudo não detinham um conhecimento aprofundado sobre a etimologia das palavras, o que levaria a uma escrita predominantemente pseudoetimológica. Todavia, a partir dos dados expostos no gráfico

7. Cada uma das porcentagens citadas nesse parágrafo foi feita com relação à quantidade total de vocábulos inventariados em cada uma das espécies documentais e não à quantidade total de variantes inventariadas em todo o *corpus*.

8. As etimologias dos vocábulos que forem citadas ao longo do texto referem-se aos dois dicionários consultando, pois, conforme dito anteriormente, não houve divergências com relação à etimologia desses vocábulos nos dois dicionários.

acima, observa-se que houve maior ocorrência de vocábulos com grafias justificadas pela etimologia, o que não significa que os escribas tinham um conhecimento pleno da origem das palavras, sendo possível que esse comportamento se explique, em grande parte, pela norma tácita da escrita vigente à época. Em outras palavras, a grande frequência da escrita etimológica pode explicar-se pela própria memória dos escribas sobre o modo como alguns vocábulos eram historicamente grafados, como é o caso de **Christo**, **anno** e **elle**, encontrados com estas grafias em todas as espécies documentais analisadas. Desse modo, além da reprodução de formas gráficas consolidadas pelo uso frequente, o uso do “h” e de consoantes geminadas nos vocábulos citados é justificado pela etimologia. Uma hipótese plausível para este fato é de que os escribas consultavam registros notariais anteriores para verificar, por exemplo, a estrutura de um documento e, conseqüentemente, as grafias de algumas palavras, levando à sua reprodução.

Acredita-se que tabeliães e escrivães precisavam ter um bom entendimento sobre a língua escrita para ocupar tais posições de escreventes. Por conseguinte, ainda que não se saiba o grau de escolaridade dessas pessoas, supõe-se que elas tinham domínio sobre a escrita, pois demonstram regularidades no uso dos vocábulos e conformidade com as grafias etimológicas. Além disso, pressupõe-se que os escribas conheciam as normas que regiam a escrita da época na cidade de Catalão, visto que encontramos as mesmas realizações gráficas e inclusive vocábulos similares nos manuscritos analisados.

Em todas as espécies documentais analisadas, os usos do h, de consoantes geminadas e duplas tiveram mais grafias de origem etimológica do que relacionadas à falsa etimologia. A reprodução de escritas etimológicas foi bastante recorrente no século XVIII, estando presente em obras que visavam a uma normatização da escrita, o que se prolongou até o início do século XX. Conforme Gonçalves (2003, p. 40), o sistema etimológico era constituído pela “recuperação da representação gráfica dos étimos, verdadeiros ou supostos, mediante reposição dos grafemas greco-latinos (simples e compostos), e da adoção arbitrária ou pseudo-etimológica dos alguns deles com função distintiva”, o que explica a concordância da grafia do *corpus* desta pesquisa com o período pseudoetimológico da ortografia da Língua Portuguesa.

### 3.2. Os usos do “h”

De acordo com Santos (2006), a incorporação do grafema **h** na Língua Portuguesa é antiga, tendo sido utilizado sobretudo para marcar o hiato e por razões etimológicas. Como demonstrado anteriormente, o **h** aparece em poucos vocábulos, sendo empregado com três finalidades: etimológica, marcadora de hiato e diacrítica.

Nos autos de partilha, nove (9) vocábulos aparecem com **h** etimológico, como em **Ch**risto, or**ph**aões, hyp**oth**eca, hyp**oth**ecario e **th**esouraria, que derivaram das seguintes palavras *Christiānus*, *ōrphānus*, *hypothēca*, *hypothecariū* e *thēsaurārīus*. Todos os vocábulos encontrados nessa espécie documental nunca aparecem grafados sem o **h**, demonstrando a regularidade na escrita.

Nas escrituras e nos traslados, respectivamente, seis (6) e quatro (4) vocábulos possuem grafias assentadas em sua etimologia, sendo eles: **Ch**risto, hyp**oth**eca, hyp**oth**ecava, hyp**oth**ecante, hyp**oth**eco e hyp**oth**ecario; **Ch**risto, or**ph**ãã, hyp**oth**eco e hyp**oth**eca. Observa-se que são praticamente os mesmos vocábulos encontrados nos autos de partilha e grafados da mesma forma. Com relação ao vocábulo **Ch**risto, constantemente a seguinte frase aparece no *corpus*, “no anno de nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo”, explicando a sua recorrência em todas as espécies documentais. Já os outros vocábulos devem-se ao conteúdo disposto no interior dos manuscritos que, apesar de suas peculiaridades, apresentam escolhas lexicais próximas.

Conforme Williams (1975, p. 35), o **h** poderia ser usado também “para marcar o hiato entre duas vogais diferentes”, o que é observado nos vocábulos Parana**hy**ba e Parana**h**iba. Estes foram encontrados nos autos de partilha e nos traslados, em virtude da presença da frase “nesta Cidade do Catalão, e comarca do Parana**hy**ba” (PIRES, 2015, p. 124), que aparece com relativa frequência. Percebe-se, assim, a regularidade dessa grafia nos manuscritos, embora não tenha havido nenhuma ocorrência desse uso nas escrituras.

Outro hábito comum até o final do século XIX era o uso do grafema **h** com função diacrítica. Segundo Gonçalves (2003, p. 145), os diacríticos compreendem “os acentos gráficos e outros sinais que conferem às unidades gráficas um valor distinto daquele que em regra assumem quando sem eles”. Além dos acentos agudo, grave e circunflexo, os diacríticos incluem o til, o trema, o cedilha e o **h**, este último com função “similar ou equivalente à de um acento” (GONÇALVES, 2003, p. 156).

No *corpus*, foram encontrados treze (13) vocábulos nos quais o uso do **h** possui função diacrítica: cinco (5) nos autos de partilha, quatro (4) nas escrituras e quatro (4) nos traslados. Os vocábulos com esse uso são praticamente os mesmos em todos os manuscritos, como **he/hé**, **ahi/ahí** e **athe**. Observa-se que, em dois casos, mesmo com o uso do **h**, o escriba optou por acrescentar um acento, talvez com o intuito de evidenciar a pronúncia da palavra. Já o vocábulo **he** corresponde à terceira pessoa do presente do indicativo do verbo ser (é), sendo grafado dessa forma em todos os manuscritos analisados. Conforme Gonçalves (2003), muitos ortógrafos de séculos passados defendiam essa grafia, principalmente para não se confundir com a conjunção **e**.

Além dos usos mencionados, há nas espécies documentais vários nomes grafados com **h**, por exemplo, **The**ophilo, **The**odoro, Jacin**th**a e **Th**eresa, porém, como

trata-se de nomes próprios, não há uma grafia fixa. Como se sabe, atualmente, ainda é comum inserir esse grafema em nomes próprios.

A partir da análise dos vocábulos inventariados com o uso do **h**, observa-se que, apesar da menor quantidade, eles se mostram frequentes e apresentam grafias iguais nas três espécies documentais. Isso demonstra a prática comum de escrever dessa maneira específica, uma vez que não houve alternâncias nestas grafias e também por haver os mesmos vocábulos em manuscritos diferentes, evidenciando que existiam normas, mesmo que não oficiais, mas internalizadas na memória gráfica daqueles que lidavam com a escrita diariamente.

### 3.3. O uso de consoantes geminadas

No *corpus*, as consoantes geminadas ocorrem sempre no interior dos vocábulos, com os seguintes grafemas: **g**, **t**, **c**, **m**, **f**, **p**, **n** e **l**. Com relação às espécies documentais, foi possível constatar, nos autos de partilha, a presença de todas as consoantes citadas, sendo que cada uma apresentou a seguinte frequência: **g** em dois (2) vocábulos; **t** em seis (6); **c** e **m** com oito (8) cada; **f** em onze (11); **p** e **n** com doze (12) cada e **l** com sessenta e seis (66). Os seguintes vocábulos são alguns exemplos do uso destas consoantes: **aggr**avar, **prometteu**, **acce**itar, **comm**arca, **offerece**, **ann**os e **tutella**.

Nas escrituras, somente as consoantes **l**, **m**, **n**, **t**, **c** e **f** apareceram dobradas, com a seguinte frequência: **m** em dois (2) vocábulos; **c** em sete (7); **f** em oito (8); **n** em quatorze (14); **t** em dezesseis (16) e **l** em trinta e um (31); as quais foram exemplificadas a seguir: **comm**igo, **succeda**, **effe**ito, **Inn**ocencio, **notta**s e **Tabellia**õ. As consoantes **n**, **t**, **c** e **l** foram duplicadas nos traslados, com a frequência total de dois (2) para **c**, quatro (4) para **n**, cinco (5) para **t** e dezessete (17) para **l**. Alguns exemplos de vocábulos que apresentam tais usos são: **acce**itou, **anno**, **attingira**õ e **elle**.

No geral, a maioria dos vocábulos com o uso de consoantes geminadas não foi grafada com a mesma consoante simples, não havendo, portanto, alternância entre uma forma e outra nos autos de partilha e nos traslados. Nas escrituras, a alternância ocorreu em três vocábulos, sendo eles **notta**s, **notta** e **ditto**, que concorrem com as formas gráficas **nota**s, **nota** e **dito**. Com relação a esses vocábulos, não há justificativas etimológicas para a presença do grafema **t** duplicado. Disso depreende-se que, em um momento de hesitação, o escriba primou pela forma etimológica com um grafema apenas, ainda que não propositalmente.

Isso demonstra a regularidade nos hábitos de escrita desta localidade, considerando-se o conjunto diversificado de documentos que constitui o *corpus*, visto que, excetuando-se os casos citados acima, os escribas tendem a grafar os vocábulos encontrados frequentemente com a consoante dobrada. Caso não houvesse tamanha regula-

ridade, haveria mais alternâncias no uso dessas consoantes. Além disso, nota-se que o uso da consoante **l** geminada foi expressivo nos documentos analisados de modo geral, revelando uma forte tendência ao uso duplicado desse grafema no interior dos vocábulos, que pode estar relacionada à disseminação de características etimológicas ao longo dos anos e também ao maior uso de palavras contendo esse grafema em seu interior.

Como já foi mencionado, houve alto grau de correspondência entre o uso de consoantes geminadas e a etimologia das palavras, sobressaindo-se sobre a quantidade de vocábulos que não possuem grafias etimológicas, o que revela uma relativa normatização desse uso por parte dos escribas. As grafias não etimológicas alinham-se à caracterização do período pseudoetimológico, uma vez que “são adoptadas grafias de falsa ou pressuposta origem latina” (GONÇALVES, 1992, p. 98).

De acordo com Gonçalves (1992), no século XVI surgiram obras objetivando consolidar um sistema gráfico de escrita, em que os autores refletiam sobre o contexto cultural da época, aproximando a língua portuguesa “do ideal de perfeição e de pureza – a língua latina. Isso pressupôs, obviamente, o regresso à matriz e, pouco a pouco, a recuperação da etimologia [...], quer dizer, da relação com a origem” (GONÇALVES, 1992, p. 37). No século XVIII, intensifica-se o lançamento destas obras, principalmente com a publicação da *Orthographia* (1734), de Madureira Feijó, em que “valorizar-se-á sobretudo o princípio etimológico em detrimento do fonético”, ressaltando o uso de um sistema etimológico na escrita (GONÇALVES, 2003, p. 222).

Não se sabe ao certo como era a circulação de obras “ortográficas” no Brasil, mas até 1807 o único modo de entrada dos livros no território brasileiro era por meio de importação de Portugal (ABREU, 2002). Portanto, supõe-se que essas obras normativas chegavam ao Brasil, mesmo que tivessem uma circulação restrita e ficassem em posse daqueles considerados eruditos. A publicação de ortografias e gramáticas continuava se ampliando até o século XIX. Alguns desses autores eram brasileiros, publicando suas obras no Brasil e, de certa forma, disseminando os sistemas gráficos em uso na época. Esses autores compunham suas obras com base em critérios etimológicos, fonéticos e de uso, sendo que, normalmente, um desses critérios era mais evidenciado que outro por cada autor (GONÇALVES, 2003).

### 3.4. O uso de consoantes duplas

Considera-se por consoantes duplas<sup>9</sup> o uso de duas consoantes diferentes no interior de um vocábulo, por exemplo, *Districto*. No *corpus*, foram encontradas as seguintes consoantes duplas: **ct**, **pt**, **pc**, **gn**, **cç**, **mn** e **gd**.

9. Alguns autores consideram essas realizações como dígrafos ou encontros consonantais impróprios, mas nesse estudo optou-se por nomeá-las de consoantes duplas, assim como o fez Santos (2006).

Os autos de partilha possuem vocábulos com quase todas as consoantes duplas citadas acima, com exceção apenas de **gd**, como é possível observar em: *extracto*, *escripto*, *nupcias*, *assigna*, *solucção* e *calumnia*. Cada grupo de consoantes duplas teve a seguinte quantidade de vocábulos encontrados nos autos de partilha: **mn** em um (1); **cc** em quatro (4); **pc** em oito (8); **pt** em nove (9); **gn** em vinte (20) e **ct** em vinte e três (23) vocábulos. Observa-se que há uma maior quantidade de vocábulos com o uso de **ct** e **gn**.

Nas escrituras, houve a ocorrência de vocábulos com **gd**, **cc**, **pt**, **ct** e **gn**, com a seguinte frequência de uso, respectivamente: um (1), três (3), oito (8), vinte e um (21) e trinta e dois (32). No caso de **gd**, encontrou-se apenas o nome *Emigdia* que, por se tratar de um nome próprio, pode-se grafá-lo da maneira como desejar, embora a opção por essa grafia possa estar ligada à influência da escrita de outras palavras com o uso de consoantes duplas, que também é característica do período pseudoetimológico. São exemplos do uso destas consoantes nas escrituras: *condicção*, *escriptura*, *tractado* e *assigno*.

Nos traslados, foi possível identificar o uso de **cc**, **pt**, **ct** e **gn**, com a seguinte frequência: dois (2), três (3), seis (6) e dezessete (17), respectivamente. As consoantes duplas **cc** estão presentes em *proteccção* e *condicção* e, em ambos os casos, o seu uso não é etimológico. Já **pt** aparece em *escripto*, *escriptura* e *captivoiro*, usos que são justificáveis pela etimologia, enquanto **ct** está presente em *facto*, *tracto*, *dacta*, *Benedicta*, *contractantes*, *contracto* e *respectivo*. Com exceção de *dacta*, todos os outros vocábulos têm grafias etimológicas. As consoantes duplas **gn** estão presentes em vocábulos como *assignados*, *assigna*, *assignar*, *assignarem* e outras palavras derivadas de *assignar*, que se originou da palavra latina *assignāre*.

De acordo com Gonçalves (2003, p. 141), a utilização de consoantes duplas, chamadas pela autora de “grupos consonânticos mistos”, decorre de dois critérios: o etimológico e a pronúncia. O critério etimológico é predominante nos vocábulos encontrados no *corpus*, o que pode se relacionar com a disseminação das escritas etimológicas. Com relação à pronúncia, é difícil afirmar em quais vocábulos o uso das consoantes duplas tenham se resultado da forma como eram faladas no interior das palavras, mas é uma possibilidade, visto que os usos orais também se refletem na escrita.

No geral, os autos de partilha, traslados e as escrituras apresentaram maior ocorrência de vocábulos com **ct** e **gn**, sendo que a maioria dos usos dessas consoantes no interior dos vocábulos são justificados pela etimologia. Da mesma forma como ocorreu com as consoantes geminadas, supõe-se que o alto grau de correspondência dessas grafias com a etimologia não esteja diretamente relacionado com o conhecimento desta por parte dos escribas, mas com o uso frequente de tais vocábulos e com a reprodução destas grafias ao longo dos registros.

## Considerações finais

Este estudo evidenciou que a escrita de meados do século XIX em Catalão, com relação às espécies documentais e às realizações gráficas em estudo, caracterizava-se pela tendência etimológica, devido à quantidade significativa de vocábulos cujas grafias relacionam-se com a sua etimologia. Esses hábitos gráficos vinculam-se majoritariamente às características do período pseudoetimológico da ortografia da Língua Portuguesa. Um exemplo disso são os nomes próprios que aparecem grafados com o grafema **h** e com consoantes geminadas e duplas. Apesar de a grafia dos nomes próprios não ser fixa, os usos citados ressaltam a influência dos aspectos etimológicos propagados desde o século XVI.

Apesar da forte tendência etimológica, supõe-se, assim como aponta Fachin (2011), que esse conhecimento da língua latina por parte dos escribas seria limitado, ou seja, estava mais relacionado com as palavras com as quais eles estavam familiarizados e que usavam com maior frequência. Acredita-se que essas grafias justifiquem-se mais pela memória gráfica dos vocábulos do que por um amplo conhecimento etimológico por parte dos escribas, visto que “a escrita é marcada pela acção da memória, mais exactamente da memória visual” (GONÇALVES, 1992, p. 20). Consequentemente, também fizeram-se presentes, nos documentos em estudo, grafias consideradas pseudoetimológicas.

Acredita-se, diante desta investigação, que os escribas assimilaram formas gráficas recorrentes à época e desde tempos mais remotos, o que se reflete na alta regularidade manifesta na escrita do *corpus*. As regularidades na grafia de épocas pretéritas, de acordo com Fachin (2011), está relacionada com um modelo de escrita de determinado período, mesmo que não existissem normas oficiais. Há que se considerar, ainda, consoante o autor, “o conhecimento compartilhado de procedimentos gráficos”, que podia ser transmitido pela própria instrução escolar e/ou pelo contexto de produção dos manuscritos. Portanto, esse conhecimento compartilhado pode justificar o uso de certas grafias semelhantes nas espécies documentais que fazem parte do *corpus*.

Assim como Fachin (2011) verificou que as práticas de escrita setecentistas brasileiras caminhavam rumo à consolidação, constata-se o mesmo com relação aos hábitos de escrita observados nos manuscritos oitocentistas de Catalão. As regularidades gráficas observadas entre as espécies documentais demonstram a existência de um sistema gráfico vigente na época, fruto de uma convenção tácita entre os escribas.

Espera-se que o estudo realizado aqui contribua com os existentes sobre aspectos gráficos do Português Brasileiro e sobre a consolidação de normas gráficas ao longo da história da Língua Portuguesa, possibilitando-se uma compreensão mais ampla sobre as práticas de escrita em Catalão no século XIX, instigando-se, ainda, novos estudos a partir de perspectivas gráficas.

## Referências

- ABREU, Márcia. Leitura no Brasil colonial. *Remate de Males*. Campinas, v. 22, n. 2, p. 131-163, 2002.
- ALMEIDA, Mayara Aparecida Ribeiro de. *Nas trilhas dos manuscritos: estudo lexical sobre a escravidão negra em Catalão-GO (1861-1887)*. 2017. 533 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Catalão, 2017.
- ASSALIM, Clarice. *A conservação de marcas gramaticais arcaicas em manuscritos e impressos do português do século XVII*. 2007. 194 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documentos de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- CARDOSO, Claudinei Vaz. *Estudo filológico e linguístico em manuscritos sobre escravidão na cidade do Catalão*. 2008. 182 f. Monografia (Especialização em Letras - Leitura e Ensino) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, Catalão. 2008.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e acrescida de um supl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DE PAULA, Maria Helena de; ALMEIDA, Mayara Aparecida Ribeiro de. Entre arraiais, vilas, cidades, comarcas e províncias: terminologias das representações do espaço no sudeste goiano no século XIX. *Revista (Con) Textos Linguísticos (UFES)*, Vitória-ES, n. 17, v. 10, p. 153-157, 2016. Disponível em: <[http://www.periodicos.ufes.br/?journal=contextoslinguisticos&page=article&op=view&path\[\]=14797](http://www.periodicos.ufes.br/?journal=contextoslinguisticos&page=article&op=view&path[]=14797)>. Acesso: em 29 set. 2019.
- FACHIN, Phablo Roberto Marchis. *Práticas de escrita setecentista em manuscritos da administração colonial em circulação pública no Brasil*. 2011. 432f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- FELÍCIO, Carolina Faleiros; XAVIER, Vanessa Regina Duarte. Cotejo entre variantes gráficas em manuscritos goianos dos séculos XVIII e XIX. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 61-79, 2019.
- GONÇALVES, Maria Filomena. *Madureira Feijó, ortografista do século XVIII: para uma história da ortografia portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Ministério da Educação, 1992. Disponível em: <[http://www.academia.edu/6411298/Madureira\\_Feij%C3%B3\\_ortografista\\_do\\_s%C3%A9culo\\_XVIII.\\_Para\\_uma\\_hist%C3%B3ria\\_da\\_Ortografia\\_Portuguesa.](http://www.academia.edu/6411298/Madureira_Feij%C3%B3_ortografista_do_s%C3%A9culo_XVIII._Para_uma_hist%C3%B3ria_da_Ortografia_Portuguesa.)>. Acesso em: 15 maio 2019.
- GONÇALVES, Maria Filomena. *As ideias ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2003.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos vocábulos estudados*. 3. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.
- MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio Almeida. *Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII*. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.
- PIRES, Maria Gabriela Gomes. *De bens de herança a bens culturais: um estudo linguístico de autos de partilhas oitocentistas de Catalão-GO*. 2015. 267 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, 2015.
- SANTOS, Maria Bernadete Gonçalves dos. *Varição grafemática em documentos manuscritos em português durante o século XVIII*. 2006. 246 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Tradução de Antônio Houaiss. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

XIMENES, Expedito Eloisio. Filologia: uma ciência antiga e uma polêmica eterna. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, CIFEFIL, ano 18, n. 52, p. 93-115, jan./abr. 2012.